



Autora : Giovanna Barros Gomes (Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC)
Orientadora : Miriam Pillar Grossi (Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC)
Projeto Etnografia das Políticas Públicas de Gênero, Sexualidades e Diversidades nos Governos Petistas (2002-2016) - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)



Conscientização Identitária de Mulheres Negras no Ensino Médio e de Magistério em Florianópolis

Introdução:

O pôster apresenta a pesquisa, intitulada “Conscientização Identitária de Mulheres Negras no Ensino Médio e Magistério em Florianópolis”, fruto do trabalho de conclusão de curso realizada no curso de graduação em Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina. A pesquisa foi realizada com bolsa de Iniciação Científica junto ao Núcleo de Identidade de Gênero e Subjetividades (NIGS). Teve como foco estudantes negras de ensino médio que participaram de projeto de Iniciação Científica do Ensino Médio do NIGS e estudantes mulheres do terceiro ano de formação em Magistério em escola pública da Grande Florianópolis. Utilizando a metodologia de “escrivência” proposta por Conceição Evaristo, os objetivos da pesquisa foram de entender as trajetórias de estudantes negras no ambiente escolar. Buscou-se compreender como suas vivências de violências racistas e sexistas as levam à conscientizarem-se de sua identidade enquanto mulheres negras e a produzir reivindicações no espaço escolar e resistências em diferentes aspectos de suas vidas.

A pesquisa teve como intuito compreender, através das vivências das interlocutoras no ambiente escolar, como estas influenciam seus processos de conscientização sobre si. O processo de resistência destas estudantes, enquanto mulheres negras, se dá pelas vivências de violências racistas e de gênero. Foi utilizada a metodologia de “escrivência” proposta por Conceição Evaristo, para escutar e registrar as vivências das interlocutoras.

Objetivos da pesquisa:

A pesquisa teve como objetivo compreender, através das vivências de interlocutoras negras do terceiro ano de formação em Magistério e do Ensino Médio de uma escola pública da Grande Florianópolis, como as violências racistas e sexistas no ambiente escolar as influenciam no processo de consciência sobre si, mediante reivindicações e resistências no espaço escolar que refletem em outros aspectos de suas vidas.

Metodologia:

A metodologia escolhida nesta pesquisa foi a “escrivência” de Conceição Evaristo (2011 e 2016). Tal metodologia utiliza-se dos dizeres e enfatiza as vivências das interlocutoras negras diante suas vivências no ambiente escolar. A escrita das “escrivências” é fruto do cotidiano, das lembranças, da experiência de sua própria vida ou de desconhecidos que se assemelham a sua. Seguindo a autora, as escrituras me permitiram analisar o processo de consciência de si, da relação com sua identidade, a partir de vivências no ambiente escolar.

Partindo de “depoimentos” e dizeres das interlocutoras escritos em resposta a um questionário, que tinha como foco experiências de vivências racistas no ambiente escolar e buscava entender como a pessoa se auto-identificava.

Uma das interlocutoras me questionou sobre como deveria colocar sobre como se reconhece, uma estudante comenta: “Vou me colocar de negra”. Enquanto sua colega aponta: “ Não! Negra sou eu!”.

Turma	Número total de estudantes ⁹	Negras (os)	Branças (os)	Pardas (os)	Indígenas
A	10	3	4	3	-
B	11	4	6	-	1
C	10	2	8	-	-
Total	31	9	18	3	1

Fonte: Elaborada pela autora deste trabalho (2020).

Logo em seguida, ela me conta que não sabe o que é racismo, que nunca soube de um caso, mas que anda com uma amiga negra pelas ruas que aponta diversos casos de como se sente mal pelo modo como as pessoas a olham (Diário de campo referente a turma B, 19 de outubro de 2019). Entre as 31 estudantes (brancas, negras, pardas e indígena) que responderam ao questionário, 11 tiveram professoras negras, o que mostra uma experiência significativa (30% das respostas) de identificação e reconhecimento racial nesse grupo de estudantes pesquisadas. Mas apenas duas assinalaram ter estudado em escolas com diretoras negras, o que confirma os estudos sobre a hierarquização de cor/raça no espaço escolar.

Profissão	Total de apontamentos	Autoidentificação da estudante
Professora	11	7 Branca; 3 Negra; 0 Indígena e 1 Pardo
Limpeza / Serviços Gerais	15	10 Branca; 1 Negra; 2 Indígenas e 2 Pardo
Merendeiras	11	5 Branca; 5 Negra; 1 Indígena e Pardo
Diretora	2	1 Branca; 1 Negra; 0 Indígena e 0 Pardo
Secretária	1	1 Branca; 0 Negra; 0 Indígena e 0 Pardo
Segurança	2	1 Branca; 1 Negra; 0 Indígena e 0 Pardo
Porteiro	2	1 Branca; 1 Negra; 0 Indígena e 0 Pardo
Estudante	1	1 Branca; 0 Negra; 0 Indígena e 0 Pardo

Fonte: Elaborada pela autora deste trabalho (2020).

Tanto as interlocutoras das turmas de magistério quanto as estudantes negras bolsistas de iniciação científica PIBIC E.M, ao falarem de suas trajetórias escolares, constantemente se remetiam a suas vidas pessoais, ao apoio recebido de amigas/os e da família. Para elas, o que mais pesava era a falta de representatividade de mulheres negras no ambiente escolar, afetando, assim, suas subjetividades. Com quem elas poderiam dialogar? Como encontrar alguém que entendesse suas angústias de não se sentirem aceitas no ambiente escolar por sua cor de pele? Como situa Alexandra Alencar (2009) a respeito do modo como o corpo é historicamente localizado, configuram-se sobre ele técnicas com propósito disciplinar para que fale sobre si e se governe. Ato que dialoga com o autor Frantz Fanon (1980), que colocá que às pessoas negras devem reivindicar à razão para si, através de uma resistência perante o racismo e à o modo como este é utilizado para diminuir os sujeitos de direitos. Ambos discorrem, assim, sobre a positivação sobre o corpo negro, de maneira que as pessoas negras devem reafirmar sua essência negra.

Conclusões:

Através desta pesquisa foi possível perceber o modo que a vida escolar e outras dimensões da vida dessas interlocutoras se interligam, mediante o processo de consciência de si.

Ter interlocutoras no processo de formação de magistério possibilitaram a compreensão e visão de além de estudantes mas de professoras que trouxeram relatos de casos que observavam em sua atuação. Tais colocações dialogavam com as reivindicações das pesquisas das bolsistas de iniciação científica do ensino médio, a partir de relatos e análises de situações racistas em suas escolas.

Referências Bibliográficas:

- ALENCAR, Alexandra Eliza Vieira. Dançando novas africanidades: diálogos com praticantes do maracatu e da dança afro em Florianópolis - SC. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2009.
- CAZES, Leonardo. Conceição Evaristo: a literatura como arte da ‘escrivência’. 2016. Disponível em : <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/conceicao-evaristo-literatura-como-arte-da-escrivencia-19682928>. Acesso em: Novembro de 2018.
- CRUZ, Ana Carolina da. A inserção de autores/as negros/as no Instituto Estadual de Educação em Florianópolis/SC: visando os/as estudantes do ensino fundamental e médio. Pôster apresentado na I Mostra de Pôsteres PIBIC Ensino Médio, com o encerramento da turma de bolsistas 2018.2 do projeto “Universidade em Diálogos: Direitos Humanos, Antropologia, Educação e Diversidades na formação do Ensino Médio”, 2018.
- EVARISTO, Conceição. Insubmissas Lágrimas de Mulheres. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.
- FANON, Frantz. Pele Negra, Máscaras Brancas. Rio de Janeiro: Fator, 1980.
- SANTOS, Tais Aparecida Silva dos. Ninguém nasce racista, mas pode se tornar um/a: o racismo no Instituto Estadual de Educação em SC. Pôster apresentado na I Mostra de Pôsteres PIBIC Ensino Médio, com o encerramento da turma de bolsistas 2018.2 do projeto “Universidade em Diálogos: Direitos Humanos, Antropologia, Educação e Diversidades na formação do Ensino Médio”, 2018.